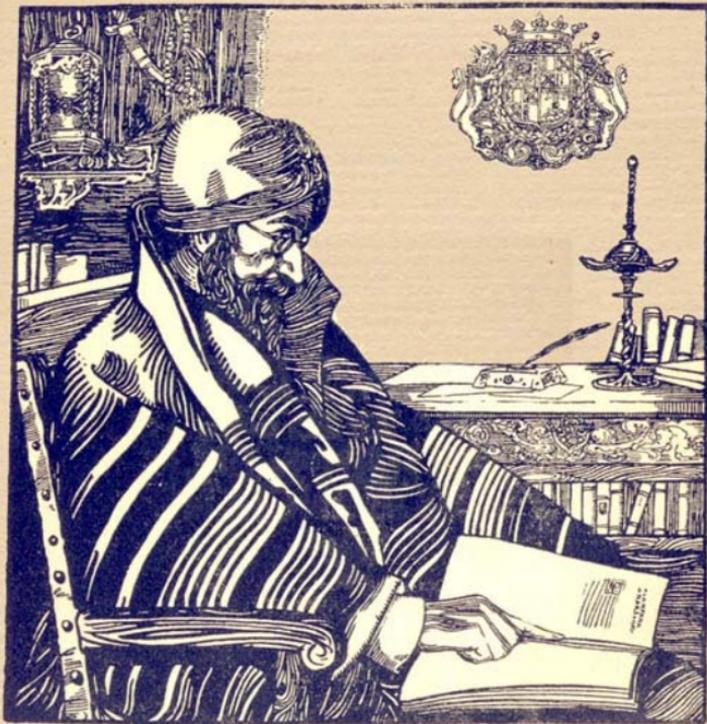
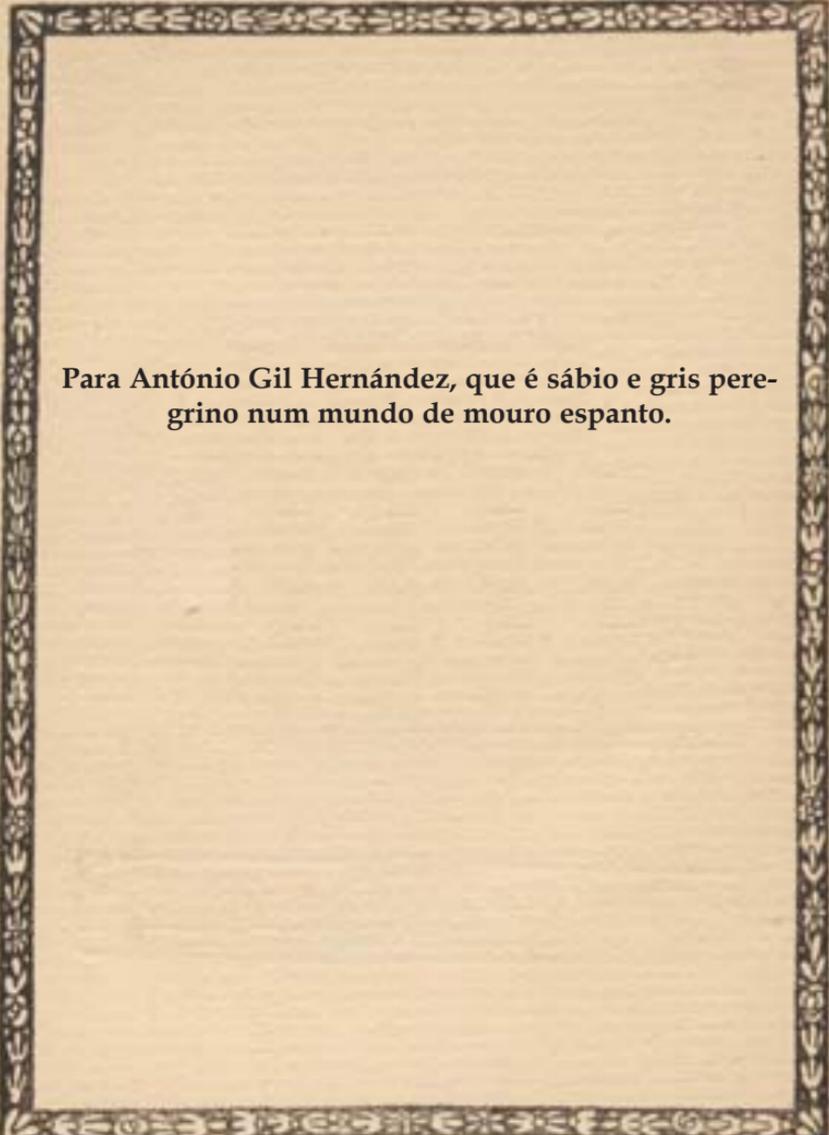


SOBRE "LA LAMPARA
MARAVILLOSA"
DE VALLE-INCLAN



ERNESTO VASQUES SOUSA



Para António Gil Hernández, que é sábio e gris peregrino num mundo de mouro espanto.

A verdade é facilmente inteligível, e no entanto, nin-
guém a entende e ninguém aceita.
Cada palavra do homem comum tem um objectivo,
a cada acção, um actor.
Lao Tse





aro leitor,

Tenho procurado máscara e agasalho para celebrar um ano de Cânones e Canões e topei, na busca e rebusca, a máscara peliqueira, o poncho, os lentes e a barba de chivo de um meu senhor tio antepassa-

do. O levantisco, galhofo, casanova, contrabandista, provocador, conspirador, plagiário e falsificador de Ramon Maria Valle, Marquês de Bradomim, por outro nome de partida "o manco do Salnês".

Ele, neste nosso peregrinar Soloviano é um dos mestres. Com essa cousa irresistível dos canalhas experimentados quando envelhecem dissimulando a trampa e reverdecem remendando a dignidade em qualquer aventura inesperada. Mestre obscuro e senhoria da prosa semelha acaído como ninguém para este tempo de entroido chocalheiro.

I. Ética individual e estética colectiva de um criador total

Um dos livros mais estridentes, futuristas e cubistas do sempre enganador Ramón Maria del Valle Inclán é o ensaio esclarecido com que inicia a edição da sua "Opera Omnia": *La lámpara maravillosa*. Texto magnífico que serve à vez como prólogo e manifesto complexo, cifrado e mui galego, da sua escrita madura. O anúncio e pregão do "late style" que dizem os estudiosos modernos, do Canto de Simeão que dizia Carvalho Calero desde a própria maturidade e a leitura da Bíblia.

"Opera Omnia" é um título solene e clássico. De por si sugere a onívoracidade leitora de Valle e nos traslada imediatamente a esses livros fabulosos de pensamento e medicina principalmente (face e invês de uma mesma interrogação) escritos entre os séculos XVI e XVIII. Esses volumes de papel verdadeiro, com gravados simbólicos, impressão profunda e elegante tipografia, sólidos como o conhecimento que encerram.

A "Opera Omnia" é mais que dizer a "Obra completa". É como dizer o "projecto", a "forma total", "o único", o significativo/significado em si próprio que escolhe o autor, para prologar o "novo estilo": o estilo maduro. Estilo complexíssimo, moderno, eclético, antigo, harmónico, clássico e romântico, altamente simbólico, fortemente

místico e profundamente humano. Renascentista. Que é dizer a um tempo resgate do mais antigo e construção do mais moderno. Uma retórica teórica de "dolce still nuovo" feita na Galiza.

Pois, esta da lâmpada é uma luz apenas atingível desde Galiza: desde a sua história, narrativa, cultura e oralidade. Que é no que alicerça o simbolismo e ritmo do novo estilo de Valle. Uma proposta estética singular e à vez tremendamente coletiva, originada num equívoco antigo e dirigida ao espaço cultural impossível da Literatura espanhola de 1916.

Mas, meu Ernesto!, dirá o descocupado leitor se tem chegado até cá: Se é bem sabido que Ramon Maria, chefe de partida e foragido sem leis nem pátria, passado muitas vezes a Castela, simboliza o caminho contrário de entender a língua e a cultura de Galiza? Homem, o que estás a dizer?

Talvez, leitor, talvez. Bem sei que ele é aparentemente contrário dos caminhos que tomou a literatura galega imediatamente anterior e posterior dele. Que foi mal discípulo avantajado dos mestres precursores e pior mestre desencaminhador dos novos que leram ingenuamente, como tu me lês a mim, as suas obras. Tolerado e admirado por todos na sua genialidade agás combatido polo único competidor possível seu: o infelizmente imaturo e **perenemente seqüestrado**: Manoel António.

A aposta de Valle (como mais tarde a de Torrente e outr@s notáveis escritor@s de actualidade que ainda teimam) mais o relega, segundo passam os anos, ao limbo dos fidalgos galegos de outrora. Os que sumiram Galiza sob as armas e as letras de Castela, incapazes de fazer Galiza, incompreensíveis e incompreendidos na Espanha. O tempo, grande mudador, vai esfarangulhando as referências, os gracejos contextuais, que apenas continuam a cobrar sentido desde Galiza (e a sua língua). Permanece apenas um eco de música estranha e algum sentido oculto que se percebe intuitivamente.

Por isso custa encaixar Valle na geração do 98 hispana, na Espanha eterna e os seus mitos. Francamente, eu a ler a crítica moderna (cada vez mais ousada na sua imaginação) imagino Valle dizendo: Permitam-me que me destape o crânio privilegiado ante a sua prosápia e petulância e envie "con buzcorona" reverência.

Mas, entrudo e tudo, cá estamos ante um problema capital na compreensão da literatura e a cultura de Galiza. Há alguma cousa nos estudos literários que dificulta a análise de muitas viradas de ritmo, de muitas "singularidades", de muitas analogias a respeito de experimentos literários da França e a Alemanha, de saltos e reencontros afortunados, de diálogos e até das raízes mesmas da soberania estética que tanto procuramos. Muitos elementos que são mal compreendidos na Galiza e que arrastam os escritores galegos passados a Castela.

Valle, os esperpentos, a sua escrita "singular" de que se procuram precedentes no México e na América modernista, na 1ª crise gloriosa e agônica da França decimonônica, quanto no expressionismo alemão parecem sentir-se mais cómodos na linha de escrita dupla da erudição galega em latim-castelhano-galego da Galiza (as prosas medievais históricas, o ciclo artúrico, o romanceiro e contística, Vasco da Ponte, Francisco Sanches, Gondomar, Gándara, Vicetto, Murguia, Rosalia...) quanto na portuguesa em português (Fernão Lopes, Mendes Pinto, o padre Vieira, Anchieta, Almeida Garret, Anthero de Quental, Camilo Castelo-Branco, Machado de Assis...). Vicetto, a Rosalia em prosa (*El Caballero de las Botas azules*), Camilo Castelo-Branco (*A queda de um anjo*) e o Eça (a biografia de Anthero ou *A Relíquia*) semelham os modelos mais claros e lostregantes da prosa de Valle.

Da minha perspectiva e curta estatura em "La Lampara" achamo-nos não tanto ante uma quebra com a escrita anterior dele como ante a reestruturação e análise da mesma. Uma revisão desde a experiência humana e na contemplação da Galiza, submetida agora a uma estrutura formal atingida: a compreensão do próprio estilo e a proposta para o ajeitar em um plano grandioso que abrange o total da obra.

Tudo no plano original e no primeiro desenvolvimento da "Opera Omnia" é importante. A estética, proposita-

damente um modelo d'Annunziano, esconde um jogo de significados mais profundo. Subtil, sublime e à vez canalha, como é a épica antiga. Onde os homens fazem parlamentos de altas razões e melodiosas línguas, criam mundos e reinos como deuses, fabricam belos objectos com a mesma facilidade que assassina amigos, rompem pactos, matam filhos ou se cegam das cousas dos outros até a tragédia.

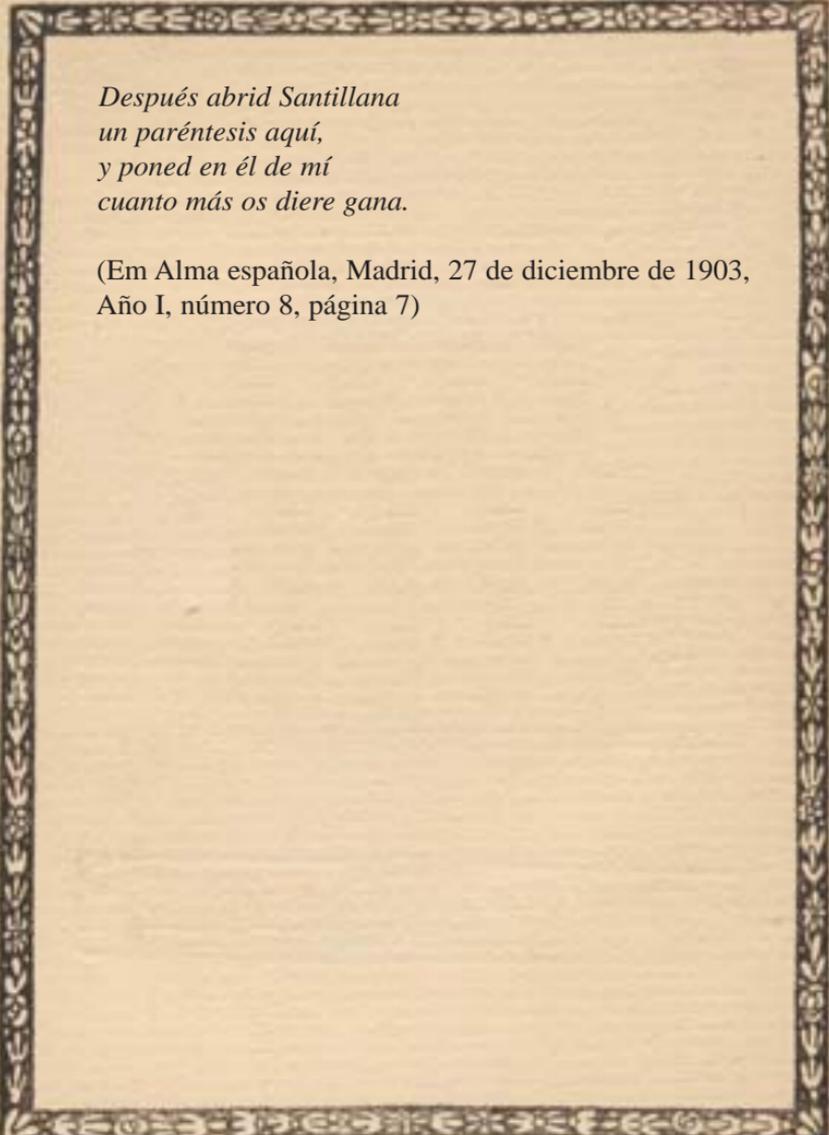
Ao lermos Valle, livro a livro, em edições modernas encontramos uma fascinante escrita, uma luz profunda e um humorismo desbordante, crítico, céptico, tolerante, intransigente e erudito. Sólida razão e alta palavra, dissimulados em humor e cavalgando a toda sela da fantasia e a saudade.

Ética e estética, que o irá achegando do contestatarismo elegante do dandy à denuncia política, antimilitarista e antipoder, à par das bases. Périplo que enceta em "Los Cuernos de D. Friolera" e "Tirano Banderas" e que se aponta sublime em "Luces de Bohemia" e atinge o seu cume no fragmentar "El Ruedo Ibérico".

Não se percebe, porém, o sentido total, salvo na leitura e compreensão da obra como ele a dispõe. A solidez estrutural de um conjunto onde todos os elementos fazem justa parte. Isto é difícil no livro a livro e nas edições a dispor. Mas, chega apenas com colocar as edições primeiras numa prateleira para ler na estética de letra antiga das lombadas um complexo efeito estético.

Uma vez isto percebido, já podemos debruçar-nos na evocação, do estilo anterior de Valle "o moço". A imitação de Chateaubriand, o que canta para a memória a fim da Bretanha e da França antiga. Valle, sempre sedutor, testemunha e imagina a tradição e a memória dum paço galego povoado tanto por sombras antepasadas quanto pola mais notável erudição aventureira. Gozar em como se pintava naquela auto-biografia célebre:

Este que veis aquí, de rostro español y quevedesco, de negra guedeja y luenga barba, soy yo: Don Ramón María del Valle-Inclán. [...] Aquel mismo día la fragata dio fondo en aguas de Veracruz y desembarqué en aquella playa abrasada, donde desembarcaron antes que pueblo alguno de la vieja Europa los aventureros españoles. La ciudad que fundaron, y a la que dieron abolengo de valentía, espejábase en el mar quieto y de plomo, como si mirase fascinada la ruta que trajeron los hombres blancos. Confieso que en tal momento sentí levantarse en mi alma de hidalgo y de cristiano el rumor augusto de la historia. Uno de mis antepasados, Gonzalo de Sandoval, había fundado en aquellas tierras el Reino de la Nueva Galicia. Yo, siguiendo los impulsos de una vida errante, iba a perderme como él en la vastedad del viejo Imperio Azteca, imperio de historia desconocida, sepultada para siempre con las momias de sus reyes, entre restos ciclópeos que hablan de civilizaciones, de cultos, de razas que fueron y sólo tienen par en ese misterioso cuanto remoto Oriente.

A decorative border with a repeating floral and geometric pattern surrounds the text.

*Después abrid Santillana
un paréntesis aquí,
y poned en él de mí
cuanto más os diere gana.*

(Em Alma española, Madrid, 27 de diciembre de 1903,
Año I, número 8, página 7)

II. De mitos familiares e da memória colectiva.

Aqueles negros Montenegros, altivos, violentos e rai-
vosos como lobos, encerrados em pequenos espaços
que lhes não chegam e os viram destrutivos como sen-
hores de força e cutelo. Camponeses sábios como gre-
gos, velhas que encriptam os fundos mais profundos
da memória colectiva, meigalhos, sabedoria humana
inteira. Altas senhoras de cortesia antiga, bispos sábios
em almas e amores, purpurados dados aos latins e a
conspirações, aventureiros fidalgos e homens de
mundo que rememoram entanto aguardam a morte
entre remorsos, passados lascivos e melancolia em jar-
dins românticos. A Galiza dourada do Renascimento e
primeiro Barroco que atingiu o século XX.

Solpor das rias e os rios, da terra e as leis antigas, dos
senhores devanceiros e das casas vinculeiras de linha-
gens não menores em 900 anos. Um mundo a derramar-
se, pinga a pinga, como a palavra que o sustem, desde
há muitas gerações. Brasões de heráldica remotíssima
como águias e graais. A velha Galiza que é uma civili-
zação em si mesma e da que Valle acredita ser um dos
derradeiros.

O conjunto da "Opera Omnia", perde-se com o evoluir
do próprio Valle e com as exigências humanas e domés-

ticas a que o viver sujeita. Mas o projecto original é grandioso. Esses jogos estruturais, aquelas referências eruditas, a alegoria continuada, a humanidade desbordada e o sentimento, o humor, os narradores: comparável apenas ao do autor do Quixote. A obra vai-se reformulando como um conjunto, em constante adaptação. Uma Galiza intemporal que existe nas "Divinas palavras" à vez real e figurada, congela-se na obra como memória.

Até finais da década de vinte os livros da "Opera" conseguem manter esse aspecto de encadernação como em pergaminho antigo, com a tipografia manual e clássica na lombada, ainda que passam por diferentes ordenações na procura de uma melhora estrutural do significado conjunto. Os próprios textos são constantemente trabalhados e refeitos na procura da perfeita fórmula associativa do ritmo à idéia. Essa música antiga e moderna, essa saudade remota que tudo invade corrosiva como esperpento.

Apanha deste jeito um sentido infinito cada elemento. As ilustrações, a tipografia escolhida é pertinente, as ilustrações são chaves do cifrado. A portada comum tem um alto simbolismo não apenas um efeito arcaizante: a frondosa árvore cheia de frutitos, de maçãs(?) ou da sabedoria como tentação(?). Já, na primeira dentro deste volume I temos Valle sentado a ler num livro antigo (que põe "La Lampara maravilhosa") como num jogo de espelhos de Borges ou Michael Ende.

Agasalhado, num poncho pratense, ao fundo o escudo antepassado (que é o de Bradomim noutro dos livros), armas mouriscas como troféus, o quinquê das leituras, a pena antiga, o escritório lavrado, os livros selectos e antigos nas prateleiras, sentado num sólido cadeirão, diante de uma mesa e mobília de aspecto atemporal.

Os estudiosos lêem este livro de muitos jeitos, alguns atrapalham-se na forma e percebem apenas as palavras, procurando significados e conteúdos gnósticos e místicos, e tratam de descifrar a infinita erudição de Valle, outros procuram significados profundos e ocultos, e os mais tratam de analisar a obra desde simbolismos modernistas carregados de espiritismos, ocultismos e revelações. Podemos dizer que, apesar da muita edótica dos últimos anos, a perplexidade da crítica é unânime.

Para mim, porém, é mais doado de ler se a entendemos como formulação teórica da tentativa estética, humana e soberva de um galego, filho do seu tempo, de alta fantasia, verbo incendiário, humor corrosivo, leitor insondável e possuidor de uma memória metafórica mui antiga.

Ainda que os contratos para a edição da Opera Omnia já são de 1913, a obra sai a lume em 1916. Valle fai 50 anos nesse ano, e ainda que já era um escritor reconhecido e figura notável (publicara tanto os textos elegantes do *Jardín Úmbrio* e *Cofre de Sândalo*, o ciclo das *Sonatas*, e

as *Comedias bárbaras*, e alguma das peças teatrais mais simbólicas) perdera prestígio e passo na altura. Mas, com esta obra a trajetória enceta uma virada inesperada de que sairá uma das melhores prosas europeias com conteúdos do XX.

Valle refugiara-se daquela na Galiza e vivia retirado no campo qual Ovídio fora de Roma, em Cambados, na Póvoa do Caraminhal, com visitas freqüentes a Santiago entre 1912 e 1923. Nesta passagem pola origem está essa "revelação" filosófica tão funda e moderna. Na contemplação de paisagens e falas (que se destaca no início e em toda parte do livro).

Eis como o projeto, semelha originado da consciência do fim do galego, do fim da língua, da Galiza mesma e do jeito galego de enxergar o mundo, coincidente com o seu próprio fim como escritor e humano que se anuncia. Uma revelação da identidade que se transforma, consciente ou inconscientemente, em revisão do seu projecto mais antigo, desesperado e grandioso: invadir o castelhan, forçá-lo na sua estruturação para convertê-lo em espanhol. Uma maneira complexa de preservar de algum jeito a identidade e de ressuscitar à vida literária.

[...]Y en latin galaico cantan como en Geórgicas, las faenas del campo com mitos y dioses, presididas por las fases de la Luna, regidora de siembras, de ferias y de recolecciones. Tres romances son en las Españas: Catalán de navegntes, Galaico de labradores, Castellano de sojuzgadores. Los tres

pregonan lo que fueron, ninguno anuncia el porvenir. Toda mudanza sustancial en los idiomas es una mudanza en las conciencias, y el alma colectiva de los pueblos, una creación del verbo mas que de la raza. Las palabras imponen normas al pensamiento, lo encadenan, lo guian y le muestran caminos imprevistos, al modo de la rima. Los idiomas nos hacen, y nosotros los desacemos.[...] triste destino el de aquellas razas enterradas en el castillo hermético de sus viejas lenguas, como las momias de las remotas dinastías egipcias, en la hueca sonoridad de las Pirámides. Tristes vosotros, hijos de la Loba Latina en la ribera de tantos mares, si vuestras liras no quebrantan todas las cadenas com que os aprisiona la tradición del Habla. ¡Y más triste el destino de vuestros nietos, si en lo porvenir no engendran dialectos suyos, ciclos e una nueva conciencia en la lengua de los Conquistadores! Al final de la Edad Media, bajo el arco triunfal del Renacimiento, estaba la sombra de Platon meditando ante el mar azul poblado de sirenas. ¿que sombra espera bajo los arcos del Sol al fin de Nuestra Edad?

V. En la ética futura se guardan las normas de la futura estética. Tres lámparas alumbran el camino: Temperamento, Sentimiento, Conocimiento

Aliás, "La lámpara maravilosa" é uma análise mui profunda do próprio estilo e da peregrinação estética e gnóstica de um autor até conseguir fixar as vozes que o abalam num estilo maduro. Uma peregrinação estética de introspecção e recuperação do jeito galego de narrar: ale-

goria, memória, cepticismo, sabedoria, ritmo, e gosto pola palabra evocadora. Paul Valery escreveu durante quase 50 anos os Cadernos num exercício de estilo ininterrompido do que abrolhou o "império escondido" da sua mente. A luta por uma escrita, por um estilo, por uma voz é uma carreira complexa, lenta e dolorosa. "La lámpara" contém como nenhum outro texto, tirando o *Finnegans Wake*, uma poderosa evocação da construção do estilo sendo em si próprio práctica, exemplo e grimório, da escrita.

Texto de muito fôlego. Precedido por um prólogo e estruturado em partes que termina com uma sentença ou norma. Inicia um moço que fala tentado por ambas as glórias aventureiras e literárias. Que escuita vozes atávicas que o rebordam e perseguem até que aos trinta perde um braço. Sume em si mesmo e na maior derrota cria uma Estética. Narra a formação literária numa linguagem de alegoria mística e penitente, até encontrar uma primeira voz.

A sua primeira parte intitula-se: "El Anillo de Giges". Cá encerra-se a primeira das revelações. Na alvorada da sua vocação encontra-se desesperado para expressar o que sabe o segredo esotérico das cousas que encerram as palavras. Na constante rebusca em tensão nervosa, ética e estética, através da contemplação leitora e humana consegue espertar, e o que esperta é a visão da infância:

En esta rebusca, al cabo logre despertar en mi desconocidas

voces y entender su vario murmullo, que unas veces me parecía profético y otras familiar, cual se de pronto el relámpago alumbrase mi memoria, una memoria de mil años.

[...]

Otro día conseguí concretar la forma de mi Daemonium. Ya lo había entrevistado cuando niño, bajo los nogales de un campo de romaerías: Es un aldeano menudo alegre y viejo, que parece modelado con la precisión realista de un bronce romano, de un pequeño Dionisyos.

[...] Cuando logré concretar esta figura, tantas veces entrevista bajo el pabellón de mi cuna, creí llegado el momento. Todas las larvas de mi reino interior eran advertidas, las sentía removerse como otros tantos arcanos, y había aprendido a oír las voces más lejanas.

Manuel Murgia, mestre e modernista primeiro, mefistofélico e perversor genial de almas estéticas para a causa de Galiza, já apresentara em prólogo fulcral o novo Valle Inclán em *Femeninas* 1895 (uma série de 6 relatos em marcos detalhadíssimos com um ponto cortês e erótico) como galego de ilustre família: "um dos nossos":

[...] hijo de su tiempo, pero así mismo hijo de Galicia, son en el manifiestas las condiciones especiales de los escritores del país. El sentimiento le domina, conoce la armonía de la prosa que aquí se acostumbra y no es fácil fuera: prosa encadenada, blanda, cadenciosa, llena de luz; prosa por esencia descriptiva y 'a la cual solo falta la rima. Y no es solo esto, sino que conforme con el espíritu soñador del

celta, despunta los asuntos, no los lleva á sus últimos límites; levanta el velo, no lo descorre del todo, dejando el final -como quien teme abrir heridas demasiado profundas en los corazones doloridos- en una penumbra que permite al lector prolongar su emoción y gozar algo más de los que el autor indica y deja en lo vago, y el que lee tiene dentro del alma [...] (Manuel Murguía, Prólogo, Ramón del Valle-Inclán: Historias perversas, Barcelona: Mauci, 1907)

O texto de Murguía tem algo de ironía, algo de segredo de familia compartido (quem sabe das vidas secretas daqueles altos poetas) algo de profético, a constatação de uma maldição e um destino pressentido.

E tanto. Gíges era servo do Rei da Lídia. Um dia, no lugar onde pastoreava o gado do seu senhor, sentiu um terramoto que abriu um poço abissal. A curiosidade levou-no dentro e achou lá cousas remotas e estranhas: um enorme cavalo de bronze, que era um sartego onde repousava um gigante que tinha na mão um anel de ouro a que se não podia resistir.

O pastor apanhou o enorme anel que minguou ao seu dedo. E voltou à superfície. O anel tinha a capacidade de fazer invisível (discreto como humor galego) o portador. Isto serviu o possuidor do anel para ir ao paço do Rei, aquele tirano, matá-lo e seduzir a rainha, para subverter a ordem e criar uma nova. Este mito aparece por primeira vez em "A República" de Plato (que muito gostava de metáforas cavernosas).

III. A música da língua e a longa filosofia do amor cortês.

A parte II é nada mais e nada menos que "El milagro musical". Um pensamento que começa ao disparate falando de monstros clássicos como de banda desenhada da Dark Horse, mas em Bizantino, apenas para dizer mui sério:

en ningun día del mundo pudo el hombre deducir de su mente una sola forma que antes no estuviese en sus ojos"[...]

lo que no está en nosotros larvado o inconsciente, jamás nos lo darán palabras ajenas. Aquello que me hace distinto de todos los hombres, que antes de mi no estuvo en nadie, y que después de mi ya no será en humana forma, fatalmente ha de permanecer hermético. Yo lo sé, y sin embargo, aspiro a exprimirlo dando a las palabras sobre el valor que todos le conceden, y sin contradecirlo, un valor emotivo engendrado por mi
[...]

El poeta há de confiar a la evocación musical de las palabras todo el secreto de esas ilusiones que están más allá del sentido humano apto para encarnar en el número y en la pauta de las verdades demostradas. Las palabras son humildes como la vida.

Onde se associa, seguindo a Sarmiento talvez, poesia e música. Ou a capacidade das línguas para emitir da har-

monia herdada o pensamento. Pois "Cada língua contiene el pasado de su gente".

IV. El idioma de un pueblo es la lámpara de su Karma.
Toda palabra encierra un oculto poder cabalístico: es gremio y tentáculo.

Luita Valle neste trecho contra a prosa castiza, nega a castelhana e promove a volta a umas origens míticas de um Espanhol de conquistadores e navegantes que semelha suspeitosamente galego nas raízes.

"Exégesis trina" é o Valle herético, hermético e mais funambulista. Erudito polas glórias do mito, mestre da alegoria cristiã e pagã, da teologia e da tragédia grega. As visões e estéticas do mundo que se reúnem no conhecimento como revelação num "fim d'amor". O caminho do amor que é o da vida ou da cavalaria. A primeira parte de *Le Romam de la Rose* (*où l'art d'aimer est toute enclose*), o belo texto de Ovídio (*Ars Amandi*) lido a través dos olhos de Andreas Capellanus (*De Amore*), a literatura amorosa medieval nossa, a sabedoria cortês do amor que é longa como a arte, transpiram cá como ecos de alguma notável paixão humana.

O centro do livro, dos textos, normalmente é a parte que os autores galegos (talvez por mera experiência ante uma humidade ambiente que nos legou apenas o centro dos livros mais antigos) reservam à significação profunda. Talvez é de amor, de experiência humana,

apenas de que fala Valle ao despiste estético.

Tres son los transitos por donde pasa el alma antes de ser iniciada en el misterio de la eterna belleza: Primer tránsito, amor doloroso: Segundo tránsito, amor gozoso: Tercer tránsito, amor com renunciamento y quietud.

I

El amor es un círculo estético y Teologal, y el arte una disciplina para transmigrar en la esencia de las cosas y por sus caminos buscar a Dios

A rosa é a do amor cortês de **Guillaume de Lorris**, alegoria eterna de Amor dividida em tríada que revela os passos aqueles do amor cortês: "fenedor, precador, entendedor" para voltar -havendo sorte- a carnalidade satírica do "drudo". Mas Valle reelabora o ciclo com detalhe perverso e engado do sábio Arentino.

A rosa erótica é da perpetuação carnal que nos revela o passado, o presente e o futuro a um tempo, nado do choque dos contrários: Contemplação e conhecimento e música pânida. Rosa erótica, Rosa de sangue"plena de amor y plena de posibilidades", porta do conhecimento:

Panteísmo y Quietismo son aquellas dos columnas simbólicas que estaban a uno y otro lado de la magna puerta, en el templo cabalístico de Salomón: Estas dos columnas representan en la doctrina oculta de los magos caldeos, los misterios del antagonismo, y la lucha entre el hombre y la mujer, porque según la interpretación hermética, la mujer

debe resistir al hombre y el hombre debe fascinarla para someterla. [...]

¡Y las dos columnas simbólicas se unieron bajo la curva del arco! ¡y entre los dos iba un camino de estrellas! Desde aquel día de amor, quien buscó una orientación cierta para llegar a conocer intuitivamente, fue por este camino siguiendo las pisadas y la sombra blanca de Cristo redentor. No hay otra verdad que las celestiales palabras con que se cierra el libro cabalístico de La tabla de Esmeralda: Te doy el amor en el cual está contenido el sumo conocimiento.-Sólo el corazón que ama milagrosamente todas las cosas, solo la mano que bendice, puede enlazar el momento que pasó con el que se anuncia, y detener el vuelo de las horas.

A rosa clássica, da conciliação e harmonização de contrários, enlace das formas contrárias. Anuncio de resurgimento nado da dor de entranhas desgarradas de Prometeo, o rebelde contra os deuses. Lavra de remoto canteiro ogival e místico.

Todo el renacimiento Italiano aparece imbuído de este concepto metafísico, que el mundo antiguo había tenido su mas hermética alegoría en los mitos de sirenas y centauros. Pero Leonardo da Vinci, mas sagaz, busca el ideal estético en la expresión ambigua: El nacer y el declinar de la sonrisa, es el sutil cometario que exprimen sus pinceles sobre la boca de la Gioconda.

[...]

La rosa clásica, maravillosa armonía de antagonismos, nos

llega de los azules y estrelados campos donde aman los dioses. La trae en el pico el cuervo de Prometeo. Todo enlace es amor, y el clasicismo fue en el orden de la belleza el anuncio de La Ley de Gracia.

A rosa enigmática, a do matiz e a subtileza dos sentidos, é a terceira. Esta apenas aponta, anuncia o saber, que é a palabra, entre vida e morte:

El matiz, modo el mas sutil de amar la belleza, es intuición quietista que intenta el conocimiento de todas las cosas por aquella condición que no muda en ellas, y busca necesariamente al hombre en el secreto de su conciencia, como él se busca a si mismo, y en la responsabilidad que le hace eterno para el enjuiciamiento de Dios. Conocer las cosas en su eternidad, es conocerlas en un sentido divino. El arte arcaico las buscó en la eternidad de las formas, el clásico en la eternidad el amor que todo lo enlaza, el místico en la eternidad de conciencia. Pero esta sierpe de orgulo que hace sus anillos de nuestras horas, es lo más difícil de conocer y definir. Apenas sabemos balbucear el secreto sentimental que nos hace distintos, porque quando creemos vivir para nosotros, vivimos para la especie. Nos guía su instinto lo mismo en el dolor que en el deleite. Conocemos con un conocimiento que busca la razón de utilidad, y esclavos del impulso obscuro del eterno semen, no podemos descifrar el sentido esotérico del mundo. Para llegar a tan sutil y transcendente estado hay que amar todas las vidas como ellas se aman, y conocerlas fuera de los sentidos, como ellas se conocen,

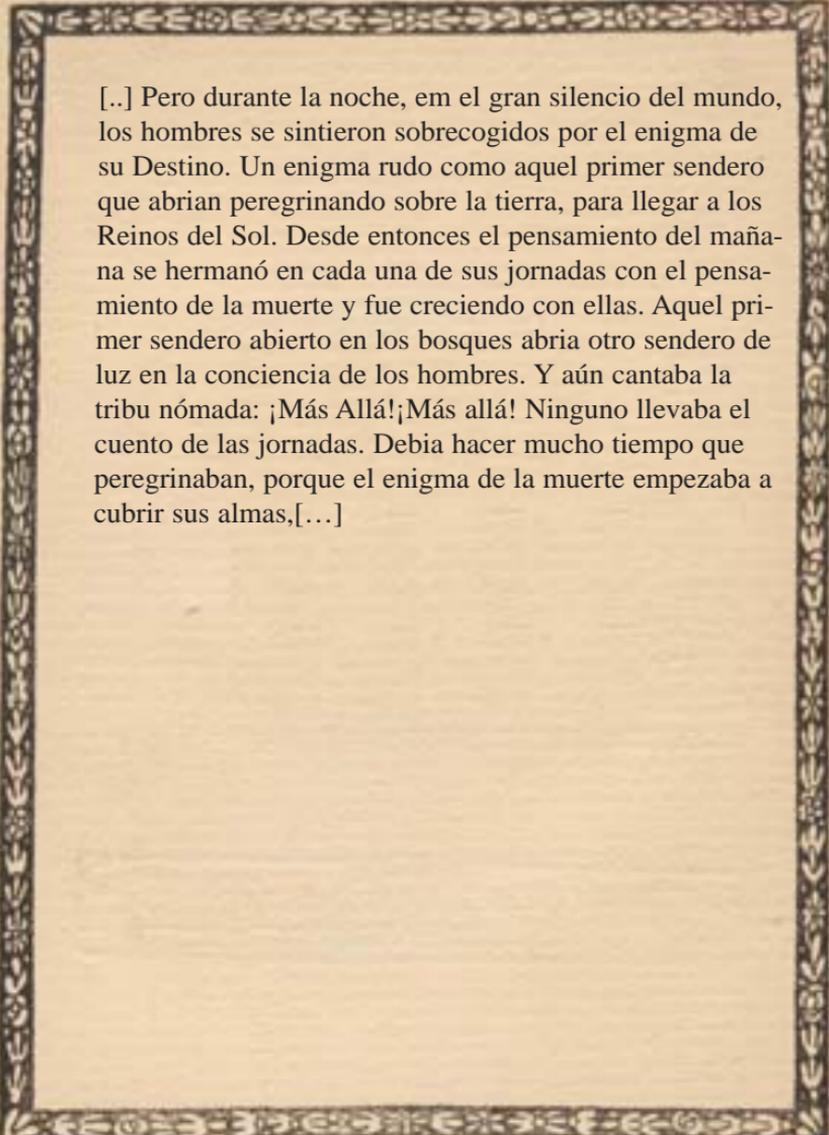
en un supremo alejamiento de cuanto a nuestros fines dice utilidad.

[...] Pero nunca sabremos de nosotros mismos, sino recordando y mirando atrás.

As três rosas confluem num discurso complexo, profundamente filosófico, simbólico e erudito. Plutarco, o último dos délficos e primeiro dos modernos não testemunharia melhor a passagem. Um mundo cai aos filósofos modernos. Schopenhauer e Nietzsche testemunham como Valle o desconcerto e a alvorada. Uma filosofia inteira e fascinante do mundo novo e quase um texto elegíaco de uma religião antiga. Eclético mas mui profundo.

O texto recolhe trechos e metáforas que nos levam a muitos sítios (nos que temos entrado a ler em qualquer tempo e vida) de profunda inspiração comum: a novela artúrica e as formulações modernas dela: Chateaubriand, J. Keats, Lord Dunsany, Pöndal, Tolkien, Lousada Diéguez, Cunqueiro, Ende, Ferrin J.K. Rowling...

Jorra cá uma ladainha antiga, uma voz ancestral e profunda como memória: a procura, a quese graalica, as vozes e os caminhantes, o caminho: Mais Alá!, Mais alá! sempre (cá a paródia sublime Manoel Antoniana). Detidos apenas por um oceano (à espera da invenção -isto era em Caminhantes- do transatlântico). Um conjunto filosófico-mítico em que se resumem as crenças e lendas do galego, nessa filosofia contemplativa e rebelde que entronca quem sabe onde e se testemunha desde Prisciliano talvez:



[..] Pero durante la noche, em el gran silencio del mundo, los hombres se sintieron sobrecogidos por el enigma de su Destino. Un enigma rudo como aquel primer sendero que abrian peregrinando sobre la tierra, para llegar a los Reinos del Sol. Desde entonces el pensamiento del mañana se hermanó en cada una de sus jornadas con el pensamiento de la muerte y fue creciendo con ellas. Aquel primer sendero abierto en los bosques abria otro sendero de luz en la conciencia de los hombres. Y aún cantaba la tribu nómada: ¡Más Allá! ¡Más allá! Ninguno llevaba el cuento de las jornadas. Debía hacer mucho tiempo que peregrinaban, porque el enigma de la muerte empezaba a cubrir sus almas,[...]

IV. Voz individual e cartaz de desafío do moucho

El quietismo estético. Das linhas apontadas (paisagem, língua, Daemonium em forma de avó (mestura de filósofo céptico e petrúcio rural, experiéncia e sentimento) é nesta parte que se explicita o desafío de Valle. O contraste que se establece entre dous quietismos fascinantes e alucinatórios: Toledo e Compostela.

TOLEDO ES VNA VIEJA ciudad alucinante. Yo he sentido bajo sus arcos que se desmoronan el paso de la muerte la densidad de los siglos, el fluir continuo de las horas como arena de reloj..[...]

Toledo es a modo de un sepulcro que guarda en su fondo huesos heroicos recubiertos con el sórdido jirón de la mortaja, y cuando todas sus piedras se hayan convertido en polvo nos parecerá más bello, bello como un recuerdo.[...]

El encanto del tiempo pasado está en la quietud con que se representa en el recuerdo. Así las viejas y deleznable ciudades castellanas, son siempre más bellas recordadas que contempladas, ciudades como aquellas desaparecidas hace mil años, las que nunca hemos visto, y las mismas ciudades malditas castigadas y abrasadas por el fuego del señor.

Nesta parte nada é casual. Cá se esconde uma luta mui antiga. As duas cidades, simbólicas da idéia de Espanha, enfrentam-se desde há mais de Mil anos (num tempo também Braga concorria) pola preeminência simbólica e o primado religioso. Uma luta que nos retrotrae a antes do mesmo Gelmírez.

Mas há mais, desde a última década do XIX, Toledo e "el Greco" estão a ser empregados, junto com Madrid, Granada, a Meseta e o Guadarrama, polo pensamento español nacionalista liberal da ILE, do 98, da Escuela castellana e da geração do 14. Giner, Unamuno, Azorín, Menéndez Pidal e Ortega. São com a paisagem de Castela e a exaltação de uma continuidade lingüística fantasiosa desde o Romancero popular, os símbolos místicos e cifra histórica da Espanha monolítica.

Deste magma nacionalista, desta invenção místico-mítica, na que participará também o esoterismo nacionalista de Rosso de Luna (*El Jardin de las Hespérides*) e o pensamento político (António Maura) nascerá a literatura, a música, a pintura e o pensamento espanhol da Idade de Prata. Pensamento e idéia de Espanha "moderna", fortemente alicerçado no nacionalismo político e cultural decimonónico. Com estas bases pretenderá-se uma revisão completa e estruturada da Espanha como Nação e da sua história mixtificada. O que, com a inestimável achega do franquismo, ainda predomina.

Entre 1900-1915, Toledo e El Greco são símbolos e pensamento motor da música, a pintura e a literatura da Espanha nova e ibérica. Unamuno, Azorin, D'Ors e Ortega, árbitros e modelos da mocidade, impelem a cabalo das suas poderosas metáforas esta mitologia, às que a ILE, Menéndez Pidal e os seus discípulos dão arquitetura teórica moderna e germânia pseudocientífica. Conjunto a que nenhum moço com aspirações intelectuais se resiste. Até o ponto que, como mais tarde confessaram Otero e Castelaio, conheceram-se em Toledo, a tentar cada um pola sua banda, entender-se na contemplação de um óleo do Greco.

Este processo coincide com o momento em que Valle começa a perceber a perda de peso dele na cena literária, o arcaizante do seu look e da máscara sua. Ele percebe rápido que a virada no pensamento espanhol cara um modelo de exaltação castelhana, não é cousa passageira. E ele não casa neste ambiente. E sai da cena. Torna à Galiza rural para tentar converter-se num agricultor.

A Valle como ao lorenês Maurice Barrès (figura esquecida mais capital na passagem de século) empeçam a passar-lhe factura os anos e o desgaste da sua máscara arcaizante; é evidente. Entanto as figuras de Ortega e de Xenius em Catalunha emergem como cometa.

Como o autor do *Culte du moi* (1888-1891), Valle pretende também esse papel heróico, individualista, orgulho-

so, saudoso e polemista "Prince de la Jeunesse", provocador e revulsivo construtor de uma estética individual de culto, desde a trincheira dos cafês e no ambiente literário. A sua obra anterior é como a de Barrès, funda raigame conservadora, também musical, elástica, individualista, autocompracente e tremendamente sensual.

Como Barres será também julgado polos seus contemporâneos que já encetam a enxergar o superrealismo e as conseqüências da grande guerra a que o verbo incendiário de Barres (deputado e intelectual) arrastara. A virada de Valle em atitude política e estilo ainda o salva. Porém, como não ler em *Mais Alá!* (1922) ecos do julgamento chefiado por Breton contra ele em 1921?

Mas Valle há saber eludir essa queda, reformulando-se como máscara e escritor. Ou apenas numa volta regenerativa que lhe chega para remendar a máscara peliqueira ancestral.

Mas, no que respeita o resto do ambiente cultural espanhol são anos agitados. O "salto nacionalista" é mui forte a partir de 1905 e continuado até 1915 e logo explode a partir de 1923. A RAE chefiada por Antonio Maura interfere para declarar o castelhano a única língua oficial da Espanha (conseguirá com o apoio inestimável de Pidal e Primo de Rivera que o castelhano seja chamado oficialmente "espanhol" em 1925). Da parte da Catalunya e da Galiza há uma reacção que termina no parlamento em 1915-1916. Neste contexto é que o cha-

mado de Vilar Ponte e Ribalta dá como efeito inesperado a criação da Irmandade dos amigos da fala.

Quatro vezes cantou o moucho galego contra as demais aves solares da Espanha na idade antiga. A primeira entre 1600-1620, antes da grande catástrofe a que a política pancastelhanista dos Validos, contrária à tradicional da Galiza, arrasou Espanha. A segunda entre 1800 e 1846, contra o centralismo primeiro. A terceira entre 1850-1871, contra o nacionalismo espanhol isabelino. E a quarta em 1916-36, antes da obsessão nacionalista castelhana. Todas as quatro representam a Galiza humanista, liberal, setembrina e republicana, o erasmismo, o afrancesamento, o republicanismo, o librecambismo. A anti-Espanha, ou a Espanha que não é, em essência.

E Galiza, fénix, ressurgiu tantas vezes das suas próprias cinzas. E ressurgirá entanto seja em si mesma uma cultura. Por isso ressurge Valle e escolhe Compostela, como modelo simbólico: "Rosa mística de piedra". Um desafio, como não se ouvia desde os tempos do Moucho de Lemos: Toledo é morte, velhice, alucinação, securas e pó, Compostela é vida, auga, eternidade, frescura, solidez.

DE TODAS LAS RANCIAS CIVDADES ESPAÑOLAS,
la que parece inmovilizada en um sueño de granito, inmutable y eterno, es Santiago de Compostela. La ciudad de las conchas acendra su aroma piadoso como las rosas que

en las estancias cerradas exhalan al marchitarse su más delicada fragancia. Rosa mística de piedra, flor románica y tosca, como en el tiempo de las peregrinaciones conserva una gracia ingenua de viejo latin rimado. [...]

En esta ciudad petrificada huye la idea del Tiempo. No parece antigua, sino eterna. Tiene la soledad, la tristeza y la fuerza de una montaña. Sus piedras no exhalan esa impresión de polvo, de vejez y de muerte que exhalan las ruinas de Toledo.

[..]Compostela inmovilizada en el éxtasis de los peregrinos, junta todas sus piedras en una sola evocación, y la cadena de siglos tuvo siempre en sus ecos la misma resonancia. Allí las horas son una misma hora eternamente repetida bajo el cielo lluvioso.

A fim desta parte dialoga a respeito do prólogo estético. Uma espécie de Leixa-prém de idéias estéticas que termina numa declaração fundamental sobre a perspectiva. Mirar tudo com os olhos de outrem e de todos, amar as cousas com todas as codicias possíveis:

Peregrino del Mundo si miras con todos los ojos amarás con todos los corazones, y tu intuición será teologal.

E deste jeito, como o Galaaz de Cabanillas entrava na Galiza, chegamos, desocupado leitor, à mensagem fulcral da "Lampara" lida através dos meus olhos. A recuperação da infância e a anulação do apreendido, do orgulho intelectual tanto como das sobervas humanas, a percepção do mal nosso e dos erros infinitos. Uma sabe-

doria antiga e clássica. Evocada através do neno que aprendia latim com um clérigo aldeão e escutava os contos de uma velha cega:

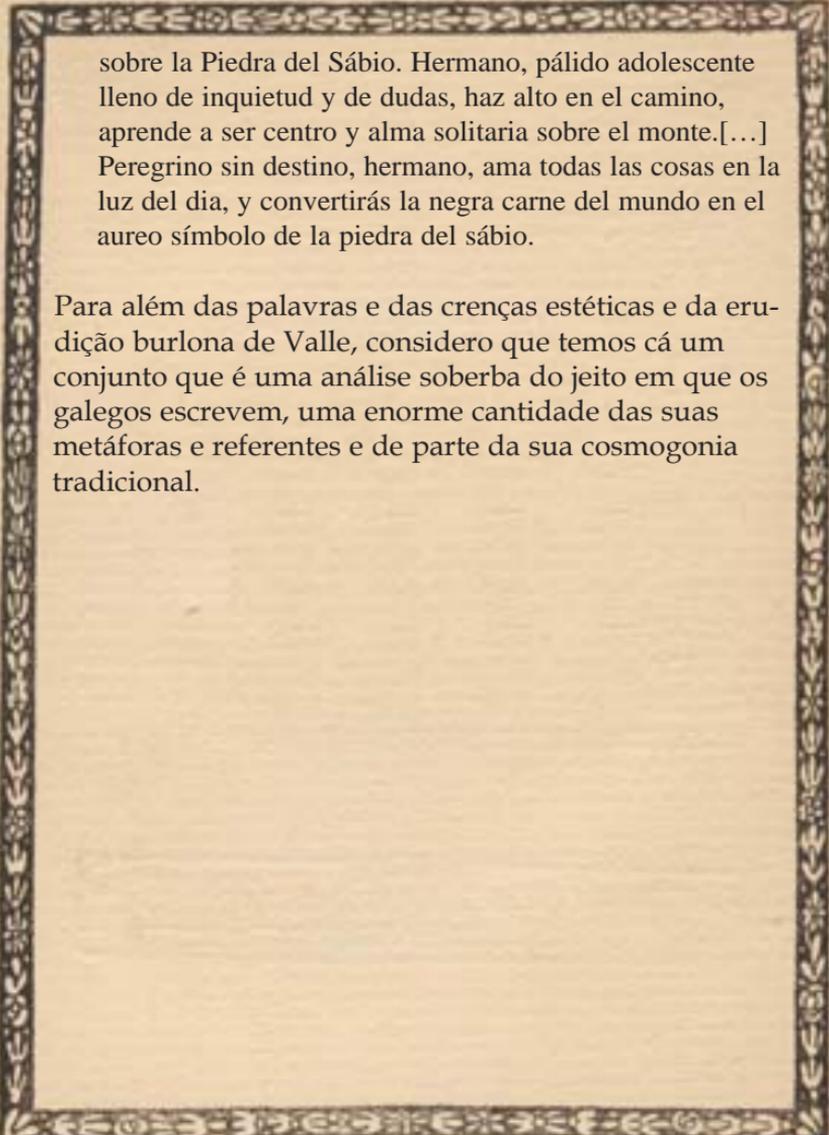
Sus cuentos nunca sucedían en el mundo de nuestros sentidos. Tenían un paisaje translúcido. Eran relatos campesinos que convertía en mitos el alma milenaria de aquella aldeana ciega, parecían grimorios imbuidos de poder cabalístico, tan religioso era el respeto que ponía en el signo de algunas palabras. Las figuras, el ondular de los ropajes, el rumor de las pisadas, el temblor de las almas, las vidas y las muertes, todo estaba lleno de taumaturgia y de misterio. Emanaba una sensación de silencio de aquellos relatos forjados de augurios, de castigos, de mediaciones providenciales, y el paisaje que los ojos de la narradora ya no podían ver, tenían la quietud de las imágenes aprisionadas en los espejos mágicos.[...]
El alma de la ciega era como un caracol marino lleno de resonancias, oía las voces de cien generaciones, estaba llena del rumor de los maizales, y los cuentos que contaba parecían nacidos a lo largo de las veredas bajo el influjo de la luna

La piedra del Sabio. A intuición da morte, dispara a consciência, os remorsos da vida apenas marcada polos sentidos e as necesidades. Nesta altura do caminho o narrador contempla a própria vida e obra e de ambas se espanta. Desenvolve-se desde Zenon de Elea e a procura estética uma curiosa percepção do tempo como relativo.

Del error con que los ojos conocen nace la falsa ideología de la línea recta y todo el engaño cronológico del mundo. El Tiempo es como una metamorfosis del rayo del sol, un instante que vuela, mínima intuición de la esfera espacial y luminosa, como es la línea recta un punto que vuela, mínima intuición de la esfera geométrica y tangible. Siempre engañados, siempre ilusionados, nuestros ojos quebrantan los círculos solares para deducir la recta del rayo. Y paralelamente la conciencia quebranta el círculo de las vidas para deducir la recta del Tiempo: consideramos las horas y las vidas como yuxtaposición de instantes, como eslabones de una cadena, cuando son círculos concéntricos al modo que los engendra la piedra en la laguna.

Navega Valle entre evocações, sentimentalidades, paisagens e contemplanções de belíssimas páginas: a vida inteira, a dor, a análise e a ressurreição. Termina o livro em fervenza poderosa de palavras:

El arco del círculo basta para deducir el centro, y deducido el centro el círculo está cerrado: Tal es el fundamento de la Astrología como la enseñaba el viejo Albertus Theutorius. Y es gran verdad que los ayeres guardan el secreto de los mañanas. Si volvemos los ojos a lo que pasó, sabremos lo venidero, pero no será sin evocar toda nuestra vida y desandar los caminos llorando sobre ellos, porque sólo en este dolor y en este arrepentimiento se despierta la conciencia y alumbrá la luz del más allá...
[...] Peredrino del Mundo, edifica tu ciudad espiritual



sobre la Piedra del Sábio. Hermano, pálido adolescente
lleno de inquietud y de dudas, haz alto en el camino,
aprende a ser centro y alma solitaria sobre el monte.[...]]
Peregrino sin destino, hermano, ama todas las cosas en la
luz del día, y convertirás la negra carne del mundo en el
aureo símbolo de la piedra del sábio.

Para além das palavras e das crenças estéticas e da erudição burlona de Valle, considero que temos cá um conjunto que é uma análise soberba do jeito em que os galegos escrevem, uma enorme quantidade das suas metáforas e referentes e de parte da sua cosmogonia tradicional.

V. Notas para um aproveitamento do lume

Seja o que for realmente, "La lámpara" é uma declaração de soberania estética de Valle. Desde Galiza, mas sem o galego. A tradição do discurso literário, das crenças também políticas das elites da Galiza antiga: em Espanha, mas contra a Espanha literária, religiosa e política que querem fazer as elites espanholas.

Um caminho que a experiência tem demonstrado onde leva: a destruição da Galiza cultural e da sua originalidade. Mas a "Lámpara" tem para mim uma chave mais, é um farol que permite fixar-nos num salto possível para o futuro com a tradição.

Até agora estamos repetindo ciclos já velhos, de jeito individual, geração e geração nos últimos dous séculos. Não podemos romper com a tradição para inovar, pois seica não temos tradição contra e desde a que inovar (realmente não a vemos). Os mais políticos têm pretendido criar uma tradição (uma língua) e um projeto nacional para mais adiante agir contra e desde ele. Mas não há tempo nem forças.

A integração no sistema espanhol castelhano é evidente e histórica, mas é à vez incómoda neste projeto nacionalizador (que prescindiu dela e nega-no-la como parte central da tradição). O agachar de forma continuada a

pertença cultural a Espanha é um dos maiores problemas à hora de compreender parte do discurso literário galego histórico e moderno. Pois, a literatura galega existe a várias vozes (nalgum caso como Rosalia que dialoga a través dum jogo complexo aBba que lhe dá um sentido de conjunto).

O desocupado leitor agora mesmo estará a sofrer e a pensar em me dizer: Não!, Ernesto, aí já não! Para onde vas que te despenhas! Ainda e sendo entrudo, Não!

Mas, caro leitor, isto é deste jeito. Mas, não só. A nossa cultura faz parte de duas tradições: numa quer integrar-se, mas com uma independência impossível. Na outra, para a que não olha continuamente, faz parte troncal. Pois, as "formas" que escrevem em paralelo ao sistema literário do castelhano dialogam com as "formas" da parte central da tradição literária portuguesa também agachada.

E com o português dialogam tanto através das manifestações próprias da erudição galega como das da literatura popular. No XIX, nas asas do romantismo nacionalista e folclórico o que se produz é uma fusão lógica (e explosiva) das duas ponlas da cultura galega que se retroalimentam e criam um espaço de rotura inexistente, um novo caminho na soberania, mas que permanecem por causas políticas e históricas (e retrotraem em audácia desde 1875) nesse ir onde não e nesse não ir onde sim.

O Rexurdimento é o primeiro passo consciente de uma realidade antiga e de um coletivo vivo que ainda está. Defesa, como efeito da pressão do nacionalismo espanhol. Uma de tantas reações ao longo dos últimos séculos.

Cada vez estou mais certo que a soberania estética da Galiza, que é o que cá propõe Valle para ele (ocultando que é a forma do colectivo), é mui antiga, sejam os textos escritos em latim, castelhano, mistura ou galego dialectal. E o que está a acontecer agora é que ainda que aparentemente estejamos a ganhar soberania e uso do galego culto, estamos perdendo.

Pois, a soberania não é uma cousa que se inicie no XIX. Quando no Rexurdimento começam a cantar os grandes mestres fazem com uma voz madura e independente, carregada de liberalismo, latines humanistas, com destacada francofilia e muito mais próxima (reinterpretada) do pensamento filosófico e literário de Portugal de fins do XIX (clássico e minhoto dos Camilos, Anthero e Eça) do que se quer acreditar.

Compreender isto permite entender e ampliar o conjunto, estabelecer os diálogos, fixar as cronologias, as continuidades, as metáforas, permite também entender o percurso cultural e político de Galiza com lógica. À vez que, precisamente, chega o argumento mais sólido para uma possível virada de rumo. Sair da contracor-

rrente (Espanha) que nos encerra a prol de águas mais tranqüilas, onde a corrente tira ao nosso favor (Lusofonia) para mares nunca dantes navegados.

E se há alguém em que essas tradições e linhas se reúnem é em Valle-Inclan. E desde ele também se entende melhor e como continuidade o polifacetismo elegante, subtil, popularista, lírico, prosaico e erudito de um Ferrin, de um José Afonso ou de um Caetano Veloso.

Deste conjunto complexo é de onde vai surgir, in crescendo o estilo poderoso e arrebatado de prosa enlouquecida e humor do Valle maduro: o esperpento como visão realista do mundo. A tentativa de reinventar o castelhano ao jeito galego.

Desde esta "Lâmpara" filtra-se ao acaso, mas mui envenenador de ouvidos castelhanos, o saber inteiro de Valle, alta erudição e anedota significativa a través da palavra. Nada tem desperdício, como num cocho. Nem as tripas, nem os ossos, nem o ritmo, nem a metáfora.

Toda a obra merece a pena. Leitura estética, simbólica, profunda. Mágoa não haver no seu tempo mais esperança na sua própria língua, na única em que se pode atingir e compreender a empresa e tentativa de capitão façanhoso de nobre linhagem galega.

Mas, a idéia é boa. É total. Útil, pois nisto estamos ainda, criando uma língua nova. Eu entendo pois, como

Murguia, que -contra ele e os seus- Valle é um dos nossos. Que "La lámpara Maravilhosa" é à vez uma brincadeira festiva, e declaração desesperada e orgulhosa em forma de garrafa ao mar. Mensagem parabólica e espermática cara a matriz do futuro de um mundo que ainda -nisso foi mal profeta- não se perdeu de tudo.

Isso enxergo, apenas na tona. Pois, como adoito, a verdade mais oculta está na superfície. Ainda que Valle chegue até ler no "Guia espiritual" (1675) daquele Miguel de Molinos, condenado por hereje e teórico do Quietismo (uma falsa mística), ainda que fale de Taboas esmeraldas, de arcanos e monstros bizantinos, de velhas cegas como Homero, de pecados e paixões apeteceíveis, de Feijó, G.W. Leibniz é de certo de Erasmo (cuja "Moria" é um texto de poderosa atração para o humanismo galego), ainda que se arraste e chore e peregrine galhofo para nos suplicar perdão e compaixão faz tudo apenas para citar mal Paulo, despistar e cimentar, nesse pacto com ele próprio apenas, mas também com a memória coletiva. Ironias educativas, magistério conversador que nos lega sem querer à vez que se nos quer impor como mestre de sabedoria.

É a nossa obriga, porém pensar por conta própria, escolmar a mensagem, estar atentos e atender com quem estamos a falar: com o mesmíssimo Long John Silver, também cavaleiro de fortuna, mestre canalha e falto de parte:

La ciencia de las escuelas es vana, crasa y difusa como todo aquello que puede ser cifrado en voces y puesto en escrituras. El más sutil enlace de palabras es como un camino de orugas que se desenvuelven ateridas bajo un rayo de sol. Hermano peregrinante, que llevas una estrella en la frente, cuando llegues a la puerta dorada arrodílate y medita sobre las palabras de san Pablo:

*Si quis inter vos videtur sapiens esse,
Stultus fiat, ut sit sapiens.*

Ronca-lhe a ironia, na pena dum erudito plagiador e falsificador como poucos: "Se algum quer ser sábio, seja ignorante para ser sábio".

E diria eu: o que queira ser sábio seja por si próprio, pois será néscio se imita o caminho de outros sábios.



VI. Apêndice



[De Mais Alá!]

Um dos melhores lectores de Valle foi Manoel António, quem enxergou imediatamente o perxudicial da virada de Valle e o seu perigo como "mestre" o bandeirim de enganche em que entrará para Madrid muita da mocidade literária daquela: de Xavier Bóveda a Dieste, passando por Rei Soto, Fernández Armesto ou Eugenio Montes.

"POLLITOS BIEN"

Comenzaremos invocando a Valle-Inclán.

Maestre: Chamamos-lle maestre por ser vostede o "maestre" d'a Xuventude imbécil de Galicia. Noso non; que, endeben, sabemos comparar a sua modernidade co-a cobardía d'o debre que tan só pode vivir facendo claudicantes concesións o forte.

Non tería o seu nome acolleita n-istas liñas si quixeramos tan só chamar-lle aquilo. Pero ten que ser ó falar d'ise fato de cabezas focas, nenos "foulard e de rubí", engayolados pol-o innegable prestixo d'a prosa e d'a ridícula mintira d'unha epopeya aventureira que vostede, unha e outra, falsificou.

Sabemos que con intremeios himnarios ó Gran Pontífice d'a Valdeireza en traxe de festa (Este Gran D. Ramon...) entran a estrago pol-a fala meseteira, con gran desprestixo d'ela, por certo. Tamén sabemos que adoecen de

imbecilidade, inxénita ou contaxada, e que a vostede lle debemos o tel-os levado para "alá". Isto derradeiro é cousa que nunca ben lle agradeceremos.

Agora, o que quixeramos conseguir d'a sua incensada persoalidade sería que intensificase a campaña castelai-zante porque nos arripía o pensamento de que eles se coidasen chamados por istas nosas vervas de moceda-de e chegase algún a desertar de la "lengua de Cervantes" para vir a valdeirar n-a nosa Fala as produ-cións d'o seu serrín encefálico. Isto estaría moi mal. Mal pro castelán, idioma oficial d'a cursilería, que, pol-o mesmo ten dereito a aquelas cousas, e mal pro galego, dino de moito mellor sorte.

E a vós, probiños mamaleites literarios, desexamosvos cordialmente que calquer día vos pubriguen un verso n-a derradeira folla d'unha d'isas indixentes revistas madrileñas, doada palestra d'os vosos esforzos, que é o maisimo desideratum voso.

Madrí precisa-vos para persoaxes d'a sua opereta.

**Mais Alá! Manoel António & Álvaro
Cebreiro, 1922**

LA LAMPARA
MARAVILLOSA • EJER
CICIOS ESPIRITVALES • DON
RAMON DEL VALLE-INCLAN

OPERA OMNIA

VOL I



Esta máscara e luz Valheinclanesca
foi composta como presente
para os leitores do PGL
no entruído
chocalheiro
de MMVII.
Escreveu
Ernesto Vázquez,
Eugénio Outeiro
ornavit.

LAVS DEO